

O Ceará no início da ocupação holandesa

GILBERTO GUERRA PEDROSA*

LUCIA WERNECK XAVIER*



Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa, custodia diversas coleções de manuscritos relevantes para a História do Brasil. Dentre essas coleções encontramos o Corpo Cronológico que contém documentos “*provenientes da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino e Tribunais Régios*”. Os documentos são ordenados cronologicamente.¹ Atualmente é possível consultar, em linha, cópias digitais dos documentos. Ressalta-se que boa parte é digitalização preto e branco, o que dificulta e, em alguns casos, atrapalha a leitura. Utilizando-se a ferramenta de busca do próprio site da Torre, localizou-se uma carta de Martim Soares Moreno para o rei Filipe II de Portugal / Filipe III de Espanha, transcrita abaixo.

A biografia de Martim Soares Moreno e a história do Ceará se entrelaçam à acidentada expansão ibérica nos primeiros séculos das conquistas. Não só pelo seu título de capitão-mor. Assim como da Paraíba, do Rio Grande (do Norte), do Maranhão e Grão-Pará, a história da capitania do Ceará acompanha as tentativas de consolidação da presença ibérica e ampliação de seu domínio territorial nas Américas.

Até o início do século XVII, ainda não se avistava uma consolidada presença portuguesa na capitania do Ceará. Em contraste às fixações litorâneas na Bahia e em Pernambuco, àquela faltavam instituições elementares como as câmaras municipais e as igrejas, comuns ao ambiente social luso para as atividades políticas e disciplina católica, já presentes nos centros e arredores das vilas de Olinda e de Porto Seguro ao final dos quinhentos.

* Doutorando Instituto Max-Planck

* Projeto O Brasil nos arquivos Neerlandeses

¹ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Descrição da coleção Corpo Cronológico. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3767258>. Visto em 30 de novembro de 2020.

Nos territórios que hoje constituem os estados do Piauí e Ceará, assim como boa parte da região litorânea brasileira, ainda havia uma considerável presença indígena. Mas não se sabe ao certo quando os primeiros europeus chegaram ao Ceará. Gabriel Soares em seu “Tratado Descritivo do Brasil em 1587” menciona o Rio dos Negros no atual Camocim, “Barreiras Vermelhas” ou Jericoacoara e o rio Jaguaribe, para ficar em apenas três exemplos.² Percebe-se que ao menos o litoral do Ceará estava mapeado muito antes de 1603. Também não faltavam relatos sobre o trânsito de outros europeus por esses locais em registros históricos da época.

Documentos neerlandeses, por exemplo, dão conta que europeus de diferentes origens comerciavam com os indígenas do Ceará por volta de 1600, principalmente com expedições sob o patrocínio da coroa francesa.³ É o caso da expedição de 1590 sob a liderança de Adolphe de Montbille, que se estabeleceu na região da Ibiapaba e contou com a aliança dos indígenas “tobajaras” daquela região, representados pelos índios principais “Jurupari” ou “Juruparigussu” (Diabo Grande) e “Irapuan” (Mel Redondo). Essa breve ocupação francesa na região serrana da Ibiapaba se sustentou com uma feitoria para a exploração possivelmente de pau-brasil, guarnecida por um fortim de nome *Saint-Alexis*.⁴

Tal fato teria mobilizado, em 1603, o então governador-geral do Estado do Brasil, Diogo Botelho, a enviar desde Pernambuco uma expedição comandada por Pero Coelho de Sousa ao Ceará e Maranhão a fim de coibir a prática mercantil entre outros europeus e as populações locais.⁵ Entre os integrantes dessa expedição estava o jovem Martim Soares Moreno. Os confrontos na região da Ibiapaba provocaram possivelmente um certo estado de anomia social, com a destruição de famílias, muitas mortes e fugas por parte dos diferentes grupos indígenas em meio ao alto risco de serem capturados e postos em cativeiro tanto por franceses

² Soares (1879), 11 e 12.

³ Gerritz (1629), 66.

⁴ Studart (1903), 5; Pendery (2010), 47. Para um aprofundado estudo sobre as estratégias de negociação francesas com indígenas no Brasil, *Vide*. Dickason (1984).

⁵ *Correspondência de Diogo Botelho, Governador do Estado do Brasil (1602-1608) – Cópia paleographica extrahida da Torre do Tombo*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1910, vol. 73.1, pp. 1-258. Disponível em, https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSsemNIQ0pzbHVQU1U/view. Visto em 4 de dezembro de 2018. Para a citação, pp. 44-46 e Salvador (1889), 166.

como por portugueses.⁶ Uma missão religiosa foi enviada ao local três anos depois (1607).

Segundo o depoimento do jesuíta Luis Figueira, ao que provavelmente reproduzira o que os sobreviventes o relataram, na serra da Ibiapaba conviviam nada mais do que setenta aldeias de diferentes comunidades indígenas. Elas foram reduzidas a apenas duas aldeotas. Muitos indígenas buscaram refúgio migrando para a região do Maranhão, segundo Figueira, “com medo dizendo que se os brancos tinham destruído todos os moradores do Jaguaribe sendo recebidos dele com paz muito melhor os destruirão a eles que no princípio os receberam com guerra”.⁷ O mesmo Figueira e seu companheiro de missionaria, padre Francisco Pereira, foram pegos em emboscada por indígenas da região, talvez ainda se lembravam do anterior massacre. Figueira sobreviveu, logo retornando a Pernambuco, mas Pereira foi morto pelo ataque dos “Gentios Tapuias”⁸, o que deixou, mais uma vez, a região do Ceará fora do escopo de influência das coroas ibéricas por mais algum tempo,⁹ o que prolongou a tensão com a empresa colonial francesa da região amazônica do Maranhão até 1614.

Após ter presenciado esse acontecimento, Martim Soares confirma esse estado calamitoso do pós-guerra da Ibiapaba. Ainda jovem, acompanhou a expedição de Pero Coelho como soldado das forças expedicionárias, tendo o objetivo específico de interagir com os grupos indígenas e aprender a se comunicar com eles. Sobre essas expedições, ele relata que

*Sendo de Pouca idade, passei ao Brasil por soldado (...)
(...) Logo que cheguei a Pernambuco fui com o Capitão mór Pero Coelho desouza, a descobrir e conquistar, a Prouincia de Yaguaribe e Siara, e Mel Redondo, servindo de soldado, onde tiuemos mta gerra com aquelles Indios q eraõ infinitos, e tinhaõ mto francezes em sua Companhia. O que tudo ficou conquistado, e depois de seis mezes de gerra onde eu recebi muitas feridas com os demais companheiros, e uendo q nos Naõ podíamos sustentar, nos retiramos a Siara pera q com mais socorro fosemos a Conquista do Maranhão (...)*¹⁰

⁶ Pompa (1999), 152.

⁷ Girão (1967), 85.

⁸ Salvador (1889), 178-9.

⁹ Gerritz (1629), 63.

¹⁰ Moreno (1618), 1. Agradecemos a Josafá Terto de Amorim por nos ter cedido reprodução digital desse documento.

Martim Soares Moreno nasceu em Portugal, em Santiago de Cacém, por volta de 1586 e faleceu também em Portugal, em 1648 com aproximadamente 62 anos. Com algumas idas e vindas entre a Península Ibérica e as Américas, dedicou 44 anos ao serviço à coroa. A vida de Martim Soares é popularmente conhecida por ter sido romanceada pelo escritor e político José de Alencar, tornando-se icônico como uma das personagens do indigenismo romântico que marcou a literatura brasileira na época do Brasil Império. No entanto, a biografia de Martim Soares Moreno também foi objeto de estudos importantes durante o século XX sob um enfoque descritivo do Brasil colônia,¹¹ e devido à complexidade desse ator histórico, ainda continua a despertar curiosidade, que fomentam pesquisas futuras. Recentemente, a historiadora Guida Marques analisou a trajetória biográfica de Martim Soares e o processo de assimilação, além dos limites da assimilação de aspectos da cultura indígena, denominado como indigenização.¹² Não obstante, essa figura histórica ainda demanda maior volume de estudos, para que um enquadramento mais adequado seja desenvolvido.

Sem deixar de seguir os anteriores estudos sobre Martim Soares Moreno, elegemos situá-lo nos marcos transnacionais da história atlântica. Através desses homens e mulheres que viveram no mundo atlântico, desfechos ainda não percebidos podem vir a luz e novos parâmetros podem ser formulados para entender como diferentes comunidades, pessoas e suas agências políticas e econômicas, interagiam em meio a fronteiras e jurisdições ainda não tão bem consolidadas.¹³ São os deslocamentos transatlânticos que marcaram a transformação desse espaço dinâmico, o que no caso de Martim Soares Moreno, alguém que se fez presente não apenas em deslocamentos terrestres, especialmente nas regiões norte e nordeste, mas também que esteve ativamente a cruzar diferentes continentes interligados pelo atlântico. O enquadramento atlântico também vale para o que corresponde o Ceará entre os séculos XVI e XVII. A circulação de pessoas, mercadorias e ideias, que vão desde as pequenas Cancale, na França, e Santiago de Cacém, em Portugal, às políglotas Sevilha e Amsterdã seissentistas, passando pelas ilhas do Cabo Verde e

¹¹ Studart (1907); Peixoto (1940), Oliveira (1987).

¹² Marques (2012).

¹³ Fortin and Meuwese (2014).

as Antilhas da América Central Insular, resultaram em acontecimentos históricos relevantes para a região.

Entre o meio termo do pós-guerra da Ibiapaba até a expulsão dos franceses no Maranhão em 1614, Martim Soares esteve pelos arredores da fortaleza do Rio Grande. Muito provavelmente se manteve em contato com as diferentes comunidades indígenas, familiarizando-se com variados idiomas e hábitos locais. Logo em 1611, retornou ao Ceará para chefiar uma expedição em nome do governo do Brasil. Apesar dos percalços posteriores, pode ser afirmado que a partir desse acontecimento a presença de instituições chave, representativas da influência ibérica, passaram a ser notadas, e por tanto, consolidar o domínio dos Áustrias na região, por meio dos portugueses. Levando consigo um clérigo e um agrupamento de seis homens,¹⁴ Martim Soares Moreno teria ordens para erigir uma igreja e assim garantir o catecumenato e consequente disciplinamento dos habitantes locais à religião católica. Em janeiro de 1612, Martim Soares participou da inauguração do fortim de São Sebastião, situado na margem direita da foz do rio Ceará.¹⁵ Em documentos holandeses, o êxito da expedição foi notado posteriormente. Em 1630, ao redor do forte São Sebastião descrevem o entorno do “fortim cercado de paliçadas e com cerca de 10 a 12 casebres nos arredores, ocupado por 25 a 30 portugueses”, e mais para o interior, acompanhando a margem do rio Ceará, havia um aldeamento com cerca de 400 “selvagens”.¹⁶ A descrição é muito similar ao material cartográfico produzido por João Teixeira Albernaz sobre a região do Siará. Devido ao sucesso da expedição de 1611, em 1617, Martim Soares Moreno encontrava-se em Lisboa, e em 1618 apresentou ao Conselho Ultramarino um pedido de pagamento pelos serviços prestados no Brasil.¹⁷

Não implica dizer que não houvera dificuldades. Como contribuição aos seus feitos, Martim Soares Moreno, então nomeado capitão-mór do Ceará, também adquiriu conhecimento sobre as dificuldades da administração colonial, assim como das assimetrias inter-regionais e dificuldades de comunicação com a considerada cabeça do Estado do Brasil, a capitania da

¹⁴ Moreno (1618).

¹⁵ Oliveira (1987), 35.

¹⁶ Pietersz. (1630), 132.

¹⁷ Moreno (1618).

Bahia. Perpassa diferentes documentos publicados pelo Barão de Studart alegações sobre a falta de colonos lusos e de todo tipo de recursos para a administração da capitania do Ceará. Por exemplo, Martim Soares Moreno em 1628 escreve ao rei que seu empreendimento no Ceará estava em constante risco pois o governador da Bahia não enviava soldados e nem colonos para aquela região. Ademais, não contribuíam com o pagamento dos poucos soldados do fortim de São Sebastião, que de tão miseráveis poderiam amotinar-se a qualquer momento.¹⁸

Em 1631, após dez anos de permanência no Ceará, Martim Soares se desloca para o Recife a fim de auxiliar na luta contra os holandeses. Destaca-se que não retornaria ao Ceará. Seu papel como intermediário entre os indígenas vassalos da coroa também pode ser notado após 1630, quando Martim Soares Moreno utilizaria sua experiência militar no combate aos holandeses em Pernambuco. Lá se apresentou ao comandante das forças portuguesas, Mathias de Albuquerque, no início de junho de 1631, acompanhado de “alguns índios e poucos soldados (...)”. Ainda em 1631, seguiu até a ilha de Antônio Vaz, atualmente uma zona da cidade do Recife correspondente aos bairros Santo Antônio, São José, Cabanga e Ilha Joana Bezerra. Em um dos núcleos da presença holandesa, Martim Soares Moreno organizou um massivo ataque aos inimigos europeus. Há relatos de que “(...) investiu com tanta bizarria, que entrando [no reduto] degolou 12 e trouxe prisioneiro o sargento (...) com mais de 40 homens (...)”.¹⁹ Quatro anos mais tarde, em 1635, Martim Soares Moreno se retira e segue para a região da Bahia.

Vale destacar duas lacunas de informação arquivística sobre a figura de Martim Soares Moreno. Durante as pesquisas para esse artigo, não foram localizadas atividades de Martim Soares após 1635. Mais ou menos no final de fevereiro de 1638, sabe-se que Martim Soares desembarcou em Madrid.²⁰ Se consideramos o tempo de viagem entre o Brasil e a Península Ibérica daquela época, ele provavelmente partiu do Brasil nos finais de 1637. Aqui temos uma segunda ausência de informação que segue até o ano de 1645, quando sabemos que Moreno já estava de volta a Pernambuco.

¹⁸ Studart (1905), 98 e 99.

¹⁹ Coelho (1855), 30.

²⁰ AHU-ACL-CU-015, Cx. 4, D. 273.

Em 27 de janeiro de 1648, o Conselho Ultramarino apresentou a D. João IV o requerimento de Martim Soares para retornar a Portugal. A reprodução disponível na página da Biblioteca Nacional é ilegível.²¹ Sabemos por outras fontes que tal pedido foi deferido pois Moreno faleceu em Portugal no final de 1648, mas não foi localizado ao certo a data e o local específicos. Mesmo assim, percebe-se que durante o século XVII o Ceará foi uma região intermediária de destaque, entre as intrusões francesas no Maranhão que acompanha a faixa litorânea até o Rio Grande, próximo ao epicentro do domínio holandês. Martim Soares Moreno foi um ator histórico destacado por suas proezas militares nessa região, especialmente por criar um terreno comum para o estabelecimento de alianças estratégicas com as populações locais em favor das coroas ibéricas.

O destaque a atores históricos como tradutores-intérpretes, mediadores, negociantes, intermediários e *go-between*s, tem sido acentuada pela historiografia recente. Anteriormente, as relações econômicas, políticas e culturais entre o ocidente e o resto do mundo eram entendidas como duas trajetórias bipartidas. Através de fatores culturais e científicos desde o centro (Europa) e difundidos às regiões periféricas no novo mundo, grupos sociais descritos como essencialmente distintos estariam interligados agonística e unidireccionalmente. Atualmente, novas abordagens históricas têm enriquecido velhos modelos relacionais. São as denominadas histórias encruzilhadas ou *carrefour*, histórias conectadas, história cruzada ou *croisé*.²² Essas abordagens têm reforçado os aspetos comunais entre diversas culturas ao redor do mundo, além de padrões transculturais por meio das quais pessoas ou grupos de pessoas cruzam suas fronteiras culturais.

Alida Metcalf deu um destaque sistemático a essas personagens na história colonial no Brasil. Ela refina o conceito de *go-between* forjado por Stephen Greenblatt,²³ enriquecendo-o com as nuances da experiência luso-brasileira. Metcalf adota uma tipologia mais adequada, organizada por nível de complexidade. O primeiro, do tipo físico/biológico, seriam marinheiros, passageiros(as) e escravos(as), que estabeleceram ligações

²¹ AHU-ACL-CU-015, Cx. 5, Doc. 367

²² Lombard (1990), Gruzinski (2001), Subrahmanyam (2001); Werner and Zimmermann (2006).

²³ Greenblatt (1992).

materiais entre os dois mundos por trazerem consigo plantas e animais, doenças, assim como por darem a luz a crianças mestiças. No segundo, do tipo transaccional, fazem parte principalmente os tradutores, mercadores ou intérpretes, que tornaram possível a comunicação, troca, comércio, assentamento e conquista. O terceiro, do tipo representacional, seriam cronistas, oficiais da igreja, oradores, cartógrafos, artistas ou escritores, que interpretavam e estranhavam a figura do outro por meio de seus escritos, imagens e mapas.²⁴

Martim Soares Moreno não se afigura entre os vários exemplos citados por Alida Metcalf. Não obstante, é possível estabelecer uma relação entre a ausência de intérpretes a uma polêmica amistosa que permeou as comemorações de 500 anos das conquistas, e que envolve o descobrimento do Ceará: a chegada de europeus na costa Nordeste do Brasil um pouco antes de Pedro Álvares Cabral.²⁵ Não se sabe ao certo se foi no Cabo de Santo Agostinho, no litoral de Pernambuco, se na ponta de Mucuripe ou na praia da Ponta Grossa, no Ceará, em 26 de janeiro de 1500, Vicente Yáñez Pinzón, aportou em terras brasileiras, desembarcando em um local batizado de cabo de *Santa Maria de la Consolación*. O espanhol que então navegara na caravela *Ñina*, uma das embarcações da primeira expedição de Cristóvão Colombo, segundo Metcalf, “descobriu, em primeira mão, o perigo de não ter tradutores a bordo.” Segundo um dos primeiros relatos quinhentistas que dão conta da viagem pela costa Norte e Nordeste do Brasil, escrito por Pietro Martire d’Anghiera, Pinzón e seus homens, após aportarem em alguma parte da costa nordeste do Brasil, foram surpreendidos por grupos indígenas com constantes atos de hostilidade. Após zarparem e continuarem viagem ao longo da costa norte até a foz do rio Amazonas, Pinzón e seus homens até descrevem ter avistado grupos indígenas que mostraram interesse em fazer comércio, mas quando atracaram, foram logo dominados pelos índios, que capturaram uma das embarcações com o capitão a bordo. Sem intérpretes como o papel que Martim Soares Moreno fizera posteriormente, europeus no novo mundo “não poderiam satisfazer suas necessidades mais básicas por comida ou água, nem satisfazer seus

²⁴ Metcalf (2006).

²⁵ Folha de São Paulo - 500 anos: Descobrimento vira disputa no Nordeste - 24/01/2000 (uol.com.br). Visto em: 2 de dezembro de 2020.

desejos mais ambiciosos por comércio e informação.”²⁶ Metcalf ressalta a importância de tradutores e intérpretes ao contrastar as expedições de Pinzón e as de Pedro Álvares Cabral, que segundo João de Barros, um historiador quinhentista das conquistas portuguesas, afirma que abordo da caravela de Cabral, estava um marinheiro negro que atuava como intérprete da língua árabe. Seria um indício forte de que práticas de negociação, antes utilizadas na costa ocidental africana, já eram relativamente correntes nas navegações portuguesas e foram incorporadas nas expedições portuguesas do outro lado do Atlântico.

Conclusão

Guida Marques identifica Martim Soares Moreno como um desses *go-betweens*.²⁷ De acordo com a autora, são muitos os exemplos de intermediadores utilizados de modo instrumental para intensificar a influência das coroas ibéricas no Brasil, em diferentes regiões e por longos períodos de tempo. Desde os séculos XVI e XVII com Diogo Alves na Bahia, que ficou conhecido pelo nome de “Caramuru”, João Ramalho em São Paulo, Jerónimo de Albuquerque em Pernambuco, até o século XVIII com uma maior difusão do bandeirismo, o uso dos “cunhamenas” na região amazônica e as manifestas predileções de mamelucos por governadores e missionários pela estratégica proximidade às populações indígenas locais. Os sentidos conflitantes do estreitamento entre novo e velho mundo, materializado nas interações e mescladas entre europeus e não-europeus, apareciam de modo mais destacado quando europeus passam a agir como índios, ao olhar de segunda ordem do observador europeu. No caso de Martim Soares, se expressa mais claramente na sua atuação como guerreiro, bem observado por Frei Vicente do Salvador, ao despir-se, ao utilizar-se de arco e flecha, ao raspar a barba, ao pintar-se como os demais índios aliados. A indianização seria, assim, uma parte ainda pouco explorada da história das conquistas no Brasil, de apropriação estratégica da mestiçagem como forma de dominação, não em meio ao sentido biológico da miscigenação, mas sim das traduções culturais

²⁶ Metcalf 2006, 19.

²⁷ Marques (2012).

inscritas em saberes, que relativos desde a preservação básica como a alimentação, passando pelo trato com os corpos até técnicas evidenciadas na cultura material.²⁸ Se a colonização é entendida como um fenômeno global em termos políticos e econômicos, a indianização seria o também importante processo de localização e apropriação cultural interna.

O manuscrito

O original se encontra na Coleção Corpo Cronológico, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Trata-se de resposta a uma carta régia, mas não informa a data desta. Antes do mais é importante destacar que, segundo a página da Torre do Tombo, o Corpo Cronológico contém documentos “provenientes da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino e Tribunais Régios” e que os documentos são ordenados cronologicamente.²⁹

A carta é composta de um *fólio e meio*, sem numeração. A terceira página contém informações arquivistas, como tipologia do documento, data e local de redação. Sobre a linguagem, há regularidade na construção do texto como um todo. A seguir algumas das características mais marcantes da sua escrita:

- a letra é bem defina e desenhada; segue um padrão vertical;
- é constante o uso de letras maiúsculas em todo o texto no meio do parágrafo e no meio das palavras, em especial o <v>, <r> e <c>, contudo, sem indicação de padrão;
- a nasalidade é, em alguns momentos, marcada com <~>;
- observa-se o uso constante do <a> e <s> longos;
- o <u> é usado, frequentemente, para representar o <v>, como em <Carauela>.
- o <que>, embora apareça escrito algumas vezes, é, na maioria das ocorrências, abreviado por suspensão: <q’>;
- a conjunção <e> é grafada como <E> maiúsculo.

²⁸ *Ibid.*, 12.

²⁹ Arquivo Nacional Torre do Tombo, Descrição da coleção Corpo Cronológico. Disponível em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3767258>. Visto em 30 de novembro de 2020.

Dado o caráter desse trabalho, optou-se por uma edição modernizada, visando facilitar a compreensão do texto pelo leitor não especializado. Os critérios de edição foram elaborados a partir das peculiaridades do manuscrito observadas no processo de transcrição e vão aqui apresentados:

- Respeitou-se, dentro do possível, a disposição gráfica do texto na página, inclusive mantendo as enumerações indicadas pelo *scriptor*;
- Modernizou-se a ortografia e a sintaxe conforme as normas gramaticais atuais;
- Desenvolveram-se as abreviaturas sem uso de marcação indicativa.

Copia

Recebida a 23 de março Em 4 de janeiro de 1631 chegou a este porto do Ceará a caravela que Vossa Magestade mandou com socorro ao Maranhão. Nela recebi a segunda via do auto e antes de despachar a dita caravela ao Maranhão, ao segundo dia de sua chegada a este porto, aportou nele o pataxo em que veio o capitão Domingos da Veiga³⁰ com o socorro que Vossa Magestade manda aos soldados e índios desta capitania que foi grande ventura um e outro chegarem em paz pelos muitos piratas que agora frequentão estes portos, os quais saem de Pernambuco a seus roubos, muitos faltos de água e carnes e se vem descendo esta costa e em qualquer parte que tomam se lançam em terra como que desesperados. Eu, por estes portos, os vou enxotando o melhor que posso com quatro soldados que tenho e com os índios que me ajudam com muita fidelidade. No contorno desta capitania tenho inimigos que são tapuias. De certo que me dão alguns assaltos e eu lhe faço o mesmo e me defendo deles com facilidade porque tenho redusido o gentio Potiguar com mais sete nações de outros tapuias também. De certo e os tabajaras da Serra de Ibiapava, todos ao serviço de Vossa Magestade de maneira que os portugueses

³⁰ Domingos da Veiga Cabral. No Arquivo Nacional Holandês, em Haia, existe uma cartar de Domingos da Veiga Cabral para Bento Maciel, o Moço, escrita no Ceará, em 1 de fevereiro de 1632. Essa carta foi interceptada pelos holandeses e seu conteúdo traduzido para o idioma neerlandês. Confira NL-HA_NA_OWIC_1.05.01.01_49_69_283v. Agradecemos a Josafá Terto de Amorim por ter chamado a nossa atenção para esse documento.

que navegam por esta costa e os que por terra caminham, todos acham colheita e abrigo nos ditos gentios sem risco de suas vidas. E os rebeldes holandeses e mais piratas afugentam e botam de si o que conservo com muito trabalho e despesa de minha fazenda por maneira que se vai ao Maranhão e se vem com muita facilidade e com muita mais daqui a Pernambuco. Tanto que recebi a carta de Vossa Magestade em que me manda que vá com quantidade de gentio acudir a Pernambuco. Chamei o principal de todos destes sertões que é um índio chamado Algodaõ.³¹ E lhe manifestei o que Vossa Magestade me mandava acertando-lhe para este intento as mil razões que pude, conforme a sua natureza deles o qual me respondeu e resolutamente me disse que assim a sua gente como alguma das outras nações me seguiriam por donde quer que eu fosse por maneira que partirei daqui com brevidade a Pernambuco deixando primeiramente bem postas as coisas da terra conforme Vossa Magestade me ordena, deixando em meu lugar a Domingos da Veiga que, como meu sobrinho, entende que estas nações ficarão, com ele, quietas.

[Página 2]

tenho carta fresca de Mathias de Albuquerque que com esta envio a Vossa Magestade. Por ela se verá o estado de Pernambuco, ao qual tenho, de particulares que me dizem que o nosso Arraial esta muito farto e abundante e o inimigo mal de partido e para [isso] comete alguns a Mathias de Albuquerque pendente intento que mais lhe servisse Pernambuco de dano que de proveito Tanto que tive aviso de mais secreto daquela terra lhe mande. Pede socorro os índios que pude la estão ainda e sei que acodem

³¹ [Diogo] Algodão. Há várias lacunas de informação sobre Algodão. Com certeza sabemos apenas que, como afirma o manuscrito aqui em destaque, em 1631 apoiava os portugueses. Seis anos depois, em 1637, apoiaria os holandeses na conquista e ocupação do Ceará. O nome “Diogo” foi usado apenas uma vez por Hendrick van Ham, comandante do Ceará após a ocupação neerlandesa em 1637. Ver: “Carta (cópia) de Hendrick van Ham para o governador geral Johan Maurits van Nassau-Siegen, de 19 de abril de 1638”. Arquivo Nacional em Haia, coleção *Oude West Indische Compagnie*, número de chamada 1.05.01.01, inventário 56, documento 56. Para a citação, f. 1. E também: “Carta (cópia) do governador geral Johan Maurits van Nassau-Siegen e do Alto e Secreto Conselho para os Diretores Dezenove, de 13 de janeiro de 1638. NL-NaNa_OWIC 1.05.01.01, inv. nr. 53, doc. 2. Para a citação, fol. 23v

ao que se lhe encarrega com muita vontade E escrevendo-se de que avisar a Vossa Magestade o farei por lá do Rio Grande ou Paraíba. Estas duas embarcações [despacho] ao Maranhão em 8 de janeiro. Deus guarde a pessoa de VMgde Seara 8 de janeiro 631 Martim Soares

[Página 3]

Do Seara

E também daquele do Maranhão Rei D. Felipe 3o Cópia de uma carta que mandou Martim Soares a “El Rey” em que lhe dá conta das partes naque Ha terra, e juntamente dizer lhe ser grande ventura chegar lá uma caravela e um pataxo a saluamento; sendo que uma levava socorro, e outra e nada, mas que o capitão Domingos da Veiga, razão por andarem muitos piratas no mar sendo de Pernambuco, e que tem concertado com o gentio, e mais sete nações a terem paz, e que se está preparando para ir a Pernambuco, aquietar os que lá há e do mais e há de fazer. Feita em Seara, a 8 de Janeiro de 1631 Parte Iª Maço 110 Docum. 92 N° suc. 15869 84

BIBLIOGRAFIA

- DICKASON, Olive P. (1984). The Brazilian connection. A look at the origin of French techniques for trading with Amerindians. *Outre-Mers. Revue d'histoire*, 71(264), 129-146.
- FERNANDES, Kamila; GUIBU, Fábio. “CE e PE reivindicam ser o lugar onde, três meses antes de Cabral, espanhol desembarcou no Brasil”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, segunda-feira, 24 de janeiro de 2000. Seção (500 Anos). Disponível em: <Folha de S.Paulo - 500 anos: Descobrimento vira disputa no Nordeste - 24/01/2000 (uol.com.br)>. Acesso em: 15/12/2020.
- FORTIN, J. A., & MEUWESE, M. (eds.). (2013). “Atlantic biographies: individuals and peoples in the Atlantic world.” Leiden, London, Brill.
- GERRITZ, Hessel (1629). *Beschrijvinghe van de custen van Brasil. Extratos de jornais e notícias dos marinheiros holandeses e artigos sobre a navegação nas Antilhas e Costas do Brasil*. 20 de julho de 1629. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1312882/mss1312882.pdf (acessado em 7 de dezembro de 2020)
- GIRÃO, Raimundo (1967). “Três Documentos do Ceará Colonial.” Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial.
- GREENBLATT, Stephen. (1992). *Marvelous Possessions: The Wonder of the New World*. Clarendon Press.
- GRUZINSKI, S. (2001). “Les mondes mêlés de la Monarchie catholique et autres «connected histories».” In: *Annales. Histoire, sciences sociales* (Vol. 56, No. 1, pp. 85-117). Éditions de l'EHESS.
- LOMBARD, Denys. (1990) “Le Carrefour Javanais: Essai d’histoire globale,” Vol 2. *Les Reseaux Asiatique*, Paris: Editions de l’Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- MARQUES, Guida (2012) “Martim Soares Moreno, capitaine luso-brésilien au service du roi et chef indien: colonisation et indianisation dans l’Amérique portugaise du XVIIe siècle.” In: Bernabeu, S; Giudicelli, C; Havard, G. (co-ords) *La indianización. Cautivos, renegados, “hommes libres” y misioneros en los confines americanos s. XVI-XIX*, Madrid, Doce Calles, pp. 161-181.
- METCALF, Alida. C. (2005). “Go-betweens and the Colonization of Brazil: 1500–1600.” University of Texas Press.
- MORENO, Martim Soares (1618). *Requerimento do ex capitão-mor do Ceará Martim Soares Moreno*. Arquivo Ultramarino, Conselho Ultramarino, inventário 6, documento 1. PT-AHU-CU-006-0001.

- OLIVEIRA, Tácito Theópilo Gaspar de (1987). Martim Soares Moreno O capitão do Ceará. In: Revista do Instituto do Ceará, TE, pp. 31-48. Disponível em <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1987TE/1987TE-MartinsSoaresMorenoOCapitaodoCeara.pdf> (Acessado em 9 de dezembro de 2020).
- PEIXOTO, Afrânio (1940). *Martim Soares Moreno. Fundador do Seará, iniciador do Maranhão e do Pará, herói da Restauração do Brasil, contra franceses e holandeses*. Portugal: Agência Geral das Colônias.
- PENDERY, Steven R. “A Survey of French Fortifications in the New World, 1530-1650.” In: Kingelhofer, Eric (ed.) *First Forts: Essays on the Archaeology of Proto-colonial Fortifications*. Leiden, Boston: Brill, pp. 31-63.
- PIETERSZ, Reijnier van Ameland. “Verclaring van de Baxos Sint Roque ende de Salinas”. [1630]. APUD: Teensma, Ben N. *Suiker, verfhout & tabak. Het Braziliaanse Handboek van Johannes de Laet*. Zutphen: Walburg Pers, 2009, pp. 131-132
- POMPA, C. (1999). Leituras e traduções: O Padre Francisco Pinto na Serra de Ibiapaba. *Ilha Revista de Antropologia*, 1, 139-167.
- SALVADOR, Vicente do (1889). *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos. Disponível em <https://archive.org/details/vicente-salvador/page/n5/mode/2up> (acessado em 7 de dezembro de 2020)
- STUDART, Barão de (1907). “Martim Soares Moreno O fundador do Ceará”. In: *Revista do Instituto do Ceará*, vol. XVII, pp. 177-228. Disponível em <http://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1903/1903-MartinSoaresMorenoFundadordodoCeara.pdf> (Acessado em 9 de dezembro de 2020).
- _____. (1903) “Comemorando o tricentenário do Ceará: Francisco Pinto e Luis Figueira. O mais antigo documento existente sobre a história do Ceará”. In: *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*, Fortaleza, v. 1, Tomo XVII, Anno XVII, 52-96.
- SUBRAHMANYAM; Sanjay. (2001). “Du Tage au Gange au XVIe siècle: une conjoncture millénariste à l’échelle eurasiatique.” In: *Annales. Histoire, sciences sociales* (Vol. 56, No. 1, pp. 51-84). Éditions de l’EHESS.
- WERNER, M., & ZIMMERMANN, B. (2006). “Beyond Comparison: *Histoire croisée* and the challenge of reflexivity.” *History and theory*, 45(1), 30-50.